



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)

CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO

(de Trabalho de Conclusão de Curso)

**DOIDAS VARRIDAS - AS REPRESENTAÇÕES DE LOUCURA E
FEMINILIDADE NA MÍDIA**

ORIENTADOR (A): Dra. Raquel do Monte

ALUNA (O): Renata Maia Melo

Maceió, Março de 2024

DOIDAS VARRIDAS - AS REPRESENTAÇÕES DE LOUCURA E FEMINILIDADE NA MÍDIA

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso
(modalidade produção para redes sociais)
apresentado como requisito parcial para
obtenção do diploma de graduação em
Jornalismo.

Orientador (a): Prof. Dra. Raquel do Monte

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M528d Melo, Renata Maia.

Doidas varridas - as representações de loucura e feminilidade na mídia /
Renata Maia Melo. – 2024.
52 f. : il.

Orientadora: Raquel do Monte.

Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.
Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 23-24.

Apêndices: f. 25-52.

1. Transtornos mentais. 2. Feminilidade. 3. Entretenimento. 4. Mídias. I.
Título.

CDU: 070:396

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR (A): Renata Maia Melo

Doidas Varridas - As representações de loucura e feminilidade na mídia

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora, sob presidência do primeiro.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a: Andrea Moreira

[Inserir aqui o nome da (o) examinador (a), precedido de titulação, caso haja]

Prof: Doutor Tiago Penna

[Inserir aqui o nome da (o) examinador (a), precedido de titulação, caso haja]

RESUMO

A produção para as redes sociais aborda como as obras midiáticas *Modern Love*, *Crazy Ex-Girlfriend*, Taylor Swift, Marina Diamandis, *WandaVision* e *Harley Quinn* retratam a loucura e transtornos psiquiátricos no universo da feminilidade. Com vídeos ilustrativos e imagens que representam os arquétipos e temas utilizados nos objetos do projeto. No trabalho, é abordado o papel do jornalismo como meio de construção do imaginário coletivo, a considerar também conceitos relacionados a conscientização, cultura, arquétipos, feminilidade, felicidade, traumas e perda. O formato foi escolhido para o trabalho por conta da acessibilidade do conteúdo em redes sociais e a sua possibilidade de abrangência. Como resultado, existe o canal “Doidas Varridas”, disponível para a comunidade, que busca contribuir para a divulgação de conteúdo sobre saúde mental para mulheres e abordar a importância do tratamento e acompanhamento. Dessa forma, é possível contribuir para que mais pessoas conheçam esse assunto de forma acessível e democrática.

PALAVRAS CHAVE: Loucura; Feminilidade; Entretenimento; Mídia.

ABSTRACT

The production for social media addresses how the media works Modern Love, Crazy Ex-Girlfriend, Taylor Swift, Marina Diamandis, WandaVision and Harley Quinn portray madness and psychiatric disorders in the universe of femininity. With illustrative videos and images representing the archetypes and themes used in the project. The work addresses the role of journalism as a means for constructing the collective imagination, also considering concepts related to awareness, culture, archetypes, femininity, happiness, trauma and loss. The format was chosen for the project because of the accessibility of the content on social networks and its potential reach. As a result, the "Doidas Varridas"("Nut Jobs", in free translation) channel is available for the community, contributing to the dissemination of mental health content for women and addressing the importance of treatment and follow-up. In this way, contributing to more people knowing about this subject in an accessible and democratic way.

KEY WORDS: Madness; Femininity; Entertainment; Media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
OBJETIVOS.....	9
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1. Tema do projeto.....	10
2. Formato do projeto.....	11
PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO.....	13
1. Ideação.....	13
2. Definição de pautas.....	13
3. Construção dos roteiros.....	14
4. Produção dos materiais.....	14
5. Planejamento do canal.....	15
6. Postagem do material.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23
APÊNDICES.....	25
Apêndice 01.....	25
Apêndice 02.....	26
Apêndice 03.....	28
Apêndice 04.....	30
Apêndice 05.....	32
Apêndice 06.....	37
Apêndice 07.....	42
Apêndice 08.....	47
Apêndice 09.....	52

INTRODUÇÃO

Pensar na representação de mulheres em obras midiáticas é dar de cara com todos os arquétipos e estereótipos que cercam a feminilidade. Independente de formato e gênero, o inconsciente coletivo (JUNG, 2007) reforça antigos arquétipos em novas roupagens.

É impossível pensar em filmes, séries e livros protagonizados por mulheres e não lembrar de alguns personagens icônicos: a menina princesa, a mocinha indefesa, a patricinha malvada, a “prostituta” sedutora, a mãe acolhedora, a idosa sábia, a bruxa má. A forma que as comunidades vêem suas mulheres está estampada em cada página, imagem e som em que elas são mostradas.

Dos clichês base décadas de produções midiáticas foram desenvolvidas, de forma a renovar e trazer neologismos às noções desses estereótipos. Surgem conceitos multidisciplinares como o *Madonna-Whore complex* (complexo Madonna-Prostituta), a *manic pixie dream girl* (garota fada maníaca dos sonhos), o *male gaze* (olhar masculino) e a *femme fatale*, que debatem com frequência as representações de feminilidade na mídia.

Já a *femme fatale*, também está presente desde séculos passados, um espelho das “prostitutas” de Freud, por assim dizer, de forma que

esta se apresenta como uma personagem altamente ambivalente: seja como um ícone de dominação do sexo oposto, pois tortura, numa relação assimétrica, seu parceiro, ao deixar em suspenso a confirmação de seu afeto, ou como uma visão estereotipada e negativa que oferece da mulher sexualmente liberada, na medida em que esta só existe a partir do momento em que há uma personagem masculina para destruir. (DELAPLACE, 2015)

Dessa forma, a *femme fatale* busca se mostrar um ser independente, mas seu único propósito segue no olhar masculino, em tê-lo e destruí-lo simultaneamente.

Já num contexto mais contemporâneo, a *manic pixie dream girl* surge, finalmente, como um completo neologismo, já imortalizado em obras literárias e do audiovisual. O crítico de cinema Nathan Rabin definiu o termo após assistir ao filme “*Elizabethtown*” (2005), e categoriza um tipo de personagem presente em filmes como “(500) Dias com ela” e “Scott Pilgrim Contra o Mundo”, além de livros como “Cidades de Papel” e “Quem é você, Alasca?” do escritor John Green.

A “fada maníaca dos sonhos” é uma mulher que existe unicamente na imaginação febril de roteiristas e diretores sensíveis para ensinar jovens homens profundos, excêntricos e sentimentais a aproveitar a vida e seus infinitos mistérios e aventuras. Ela é, portanto, não

uma pessoa, mas uma experiência, criada para validar todos os desejos e pensamentos da figura do homem.

Com esses conceitos em mente, é estabelecida uma dicotomia básica: a mulher como santidade ou como representação do mal. Falar sobre a feminilidade como representação do mal é falar sobre loucura. Isso porque, historicamente, transgressões sociais por mulheres sempre foram abordadas como símbolos de insanidade, como parte de uma estratégia patriarcal, católica, conservadora e com traços de eugenia.

Eugenia essa que pode ser representada pela fala do médico Renato Kehl ao descrever os critérios para a seleção de uma esposa: “a Eugenia considera beleza a normalidade; normalidade esta, somática, física e moral” (1923. p.99-100). Logo, pensar a mulher ideal, é pensar na normatividade e na higienização, comumente em prol da eugenia.

Dessa forma é possível compreender como essa exigência é perpétua, que transborda do inconsciente coletivo para as manifestações culturais e ajuda na manutenção dos papéis de gênero de suas respectivas épocas.

Na contemporaneidade, obras como *Carrie* (1974), *Heathers* (1988), *Garota Exemplar* (2012), *Crazy Ex-Girlfriend* (2015) e *WandaVision* (2021) trazem não só mulheres como protagonistas, mas mulheres loucas. Seja o motivo bullying, assassinatos, traições, transtornos de personalidade ou o luto, a verdade é apenas uma: qualquer uma dessas mulheres teria queimado na fogueira ou sofrido uma lobotomia.

Porém, para além da verdade, é imprescindível compreender: o que é uma mulher louca? Que estratégias os conteúdos midiáticos usam para nos fazer entender essa insanidade?

Ao considerar a alta quantidade de obras culturais que abordam esses clichês e a forma como representam o inconsciente coletivo sobre feminilidade, gênero e o sistema patriarcal, faz-se necessário analisar e pesquisar a fundo a temática. Com o norte dos diagnósticos contidos no DSM-5, serão examinadas produções e produtos com foco na relação entre saúde mental, mídia e o gênero feminino.

Esses conteúdos serão traduzidos no formato de produção para redes sociais, que, no formato de canal do Youtube, irá introduzir e debater o assunto ao público médio, principalmente no ramo de Jornalismo Cultural, ao abordar

“os mais diversos produtos e discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo – atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, clareza, dinâmica, singularidade e pluralidade, dentre outras – que, ao abordar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem e projetam modos de ser, pensar e viver dos receptores, efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano (Genro Filho, 1998) no meio social onde o mesmo é produzido, circula e é consumido.” (Gadini, S. L., 2010)

Se pretende com a produção deste material, não só apresentar o contexto de transtornos psiquiátricos em mulheres e sua inserção nos produtos midiáticos, mas também sinalizar e alertar como a mídia perpetua e renova padrões seculares de feminilidade e eugenia.

As principais obras a serem abordadas nos vídeos são: o terceiro episódio da primeira temporada da série *Modern Love* (2019); bem como as séries *Crazy Ex-Girlfriend* (2015), *Harley Quinn* (2019) e *WandaVision* (2021); e finalmente, músicas da discografia de Taylor Swift, e da artista Marina Diamandis.

OBJETIVOS

Geral: Debater a representação de transtornos psiquiátricos em mulheres em produtos de entretenimento americanos dos últimos 9 anos, no formato de produção para a rede social Youtube.

Específicos:

- Informar sobre as retratações da “loucura feminina” em produções audiovisuais americanas recentes;
- Refletir criticamente sobre obras midiáticas recentes e sua visão sobre loucura;
- Analisar alguns filmes e séries de comédia, romance e drama, e músicas pop que abordam a relação entre transtornos psiquiátricos e feminilidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Tema do projeto

Os arquétipos sempre fizeram parte da sociedade, já que, de acordo com Jung, estão estabelecidos no inconsciente coletivo, e são inerentes à humanidade. Isso revela uma base para considerar não só a natureza humana, como também a construção de estereótipos, que nada mais são do que padrões comportamentais transformados em clichês. Por conseguinte, esses arquétipos são retratados em obras de comunicação em geral, visto que refletem esse inconsciente coletivo de certa forma.

Com isso como base, é fácil reconhecer que esse fenômeno ocorre em todas as áreas da vida, e a percepção de gênero e feminilidade não seria uma exceção. Feminilidade essa que, durante a história do mundo, sempre passou por conceitos extremamente opostos, marcados principalmente pela ideia de pureza e pecado. Desde o século XV, pensadores como os autores de *Malleus Maleficarum* trazem essa dualidade para descrever a natureza feminina:

Que outra coisa é uma mulher, senão um inimigo da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleitável detrimento, um mal da natureza pintado com alegres cores!
(KRAMER & SPRENGER, 1478/2007, p. 51)

É clara, também, a influência da ética cristã hegemônica nesse conceito, a abordar a lógica do pecado capital. Essa noção da mulher foi desafiada, mas não excluída, e é fortemente vista até hoje.

Em manifestações midiáticas presentes a todos os públicos, é comum associar a figura feminina clássica com a loucura e a maldade de forma geral, e, de acordo com o DSM-5, a medicina também precisa considerar as especificidades de gênero em reais diagnósticos.

Isso foi mostrado em diversos pontos da história humana, desde a histeria como uma doença puramente feminina, quanto com a guerra às bruxas e os processos de lobotomização do século XX. A lobotomia não é um exemplo raso para essa situação, visto que era uma operação neurocirúrgica que literalmente provoca deterioração cerebral irreversível, de forma a mudar a personalidade e o funcionamento de alguém de forma geral. Só no Brasil, esses procedimentos ocorreram até o ano de 1955.

Atualmente, as manifestações culturais denotam esse tipo de violência e visão eugênica sobre saúde mental de forma muito mais subjetiva, mas que não deixa de ser aparente para um olhar sensível. Para além dos arquétipos clássicos de Jung, que ainda fazem-se presentes, a sociedade passa a criar novas manifestações do inconsciente coletivo, muitas vezes denotadas em neologismos criados pelas novas gerações.

Sigmund Freud definiu um deles, que é usado até hoje. A psicanálise compreende que principalmente homens vêem mulheres de acordo com uma dicotomia entre a pureza e santidade das Madonnas e o erotismo e pecado das prostitutas. Assim, o respeito à individualidade cabe apenas às Madonnas, e o desejo da carne às prostitutas.

Os conceitos-base de *femme fatales*, *manic pixie dream girls*, entre tantos outros, estão colocados no universo de um outro neologismo: o *male gaze*. O “olhar masculino”, em tradução literal, nada mais é do que um conceito criado para representar como a sociedade patriarcal vê a mulher. É altamente ligado a noções de objetificação, com a mulher como meio para o objetivo final: o prazer masculino. Por isso, diversos arquétipos, novos ou antigos, passam por essa noção, quando consideram a noção social de que o homem é o protagonista da realidade. Dessa forma, o seu ponto de vista, ou o seu olhar, é o único que importa para entender a mulher.

Para essa teoria, também é válido notar que sem mudanças radicais na estrutura da sociedade, é impossível definir o que seria o *female gaze* ou o olhar feminino, visto que ele nunca esteve em voga. Ou seja, aprendemos desde que o mundo é mundo a ver a vida de uma ótica masculina, independente de gênero. Portanto, faz-se necessário buscar entender o ponto de vista feminino, apesar das visões de loucura associados a ele.

2. Formato do projeto

Ao definir o formato ideal para o desenvolvimento do projeto, foi considerado, inicialmente, a natureza do conteúdo a ser criado. Já que seriam construídas análises entre obras de entretenimento, análogas à análises feitas por fãs de obras, é fácil relacionar com a definição de cultura participativa de Henry Jenkins. A cultura participativa nada mais é do que: “cultura em que fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e da circulação de novos conteúdos” (JENKINS, 2009).

Para unir esse fator com a natureza das redes sociais e o jornalismo, é preciso entender o potencial dessas redes para utilização e veiculação de informações. É possível argumentar que as redes sociais como canal tem potencial complementar à prática jornalística, como afirma Raquel Recuero:

Assim, as redes sociais vão atuar com um duplo papel informativo: como fontes, como filtros ou como espaço de reverberação das informações. São essas as relações que apontamos como relevantes para o jornalismo no espectro do estudo das redes sociais. Essas, assim, são complementares à função jornalística, não tendo o mesmo comprometimento que estes para com a credibilidade da informação, mas auxiliando a mobilizar pessoas, a construir discussões e mesmo, a apontar diversidades de pontos de vista a respeito de um mesmo assunto. (RECUERO,2009)

Ao considerar o formato de vídeos e os tópicos abordados nas pautas definidas, o gênero de *video essays*¹ tornou-se referência, já que aborda obras do ponto de vista analítico, traduzindo-os para o público em geral por meio das redes sociais. O principal canal midiático deste tipo de conteúdo é o Youtube, rede social criada em 2005, que é uma plataforma de

“serviço online de vídeos que permite a seus usuários carregá-los, compartilhá-los, produzi-los e publicá-los em formato digital através de web sites, aparelhos móveis, blogs e e-mails. É possível também participar de comunidades e canais, em que seus usuários podem se inscrever e obter vídeos de seu interesse.” (PELLEGRINI; REIS; MONÇÃO; OLIVEIRA, 2010)

Portanto, para além de apenas criar vídeos ou *video essays*, o Youtube representa o potencial de criar uma comunidade interessada em um tópico em comum, com a possibilidade de diálogo em comentários de vídeos, além de organizar esse conteúdo na figura de um “canal”. Os canais do Youtube tem múltiplas funcionalidades, como criar *playlists* de vídeos com temas em comum, por exemplo.

Já para definir o que é uma video essay para além da tradução literal do termo, podemos considerar a visão de Erlend Lavik, que afirma: “O crescente gênero de dissertação em vídeo geralmente emprega imagens editadas dos filmes sob análise para enriquecer e expandir a função da crítica: lançar luz sobre filmes individuais, grupos de filmes ou o cinema como forma de arte.”² (LAVIK, 2012)

Vale considerar que, apesar da definição, o gênero atualmente vai muito além de análises de filmes, e passa por temas análogos como séries e músicas, e até por categorias totalmente diferentes, como história, sociologia, física, entre outros. De forma geral, o gênero não passa de uma análise audiovisual interdisciplinar sobre um objeto de interesse.

Também vale considerar que os filmes e obras televisivas, para as video essays, são “não apenas sobre representação”, mas sim “uma forma de produzir conhecimento”³ (MISTRY; ANDREW, 2017). Dessa forma, considere que o gênero se encaixa perfeitamente na união entre redes sociais, jornalismo e análise de obras de entretenimento para esse trabalho.

¹ Dissertações em vídeo.

² Tradução da autora a partir do trecho “The burgeoning genre of the video essay commonly employs edited footage from the films under analysis in order to enrich and expand the function of criticism: to shed light on individual films, groups of films, or the cinema as an art form.”

³ Tradução da autora a partir dos trechos “not simply about representation” e “a mode of knowledge production”.

PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

A produção do trabalho foi dividida em sete etapas: ideação; definição de pautas; construção dos roteiros; produção dos materiais; planejamento do canal; postagem do material.

1. Ideação

Após a escolha do formato do trabalho, a definição da rede social Youtube como foco do conteúdo a ser criado se deu a partir da referência das *video essays* (do inglês “dissertações em vídeo”). Esse formato de conteúdo consiste na análise de um tema, com o uso de referências audiovisuais. Esses temas podem ser voltados a temas de sociologia, filosofia, história, cultura pop, entre outras opções. Ao levar em conta a versatilidade das dissertações em vídeo, o formato se adequa perfeitamente à proposta do tema.

A partir disso, delimitar as obras que poderiam ser utilizadas como objeto de pesquisa para vídeos, e os temas centrais a serem analisados de cada uma delas. As obras escolhidas, em primeiro momento, foram: *Modern Love* (série); *Gone Girl* (livro e filme); *You* (série); *WandaVision* (série); *Harley Quinn* (série); *Heathers* (filme e musical); *Carrie, a Estranha* (livro e filme); *Folklore* e *Evermore* (álbuns de música de Taylor Swift); *Electra Heart* e *The Family Jewels* (álbuns de música de Marina Diamandis), *Crazy Ex-Girlfriend* (série).

2. Definição de pautas

Para o desenvolvimento das pautas, foi feito um momento de brainstorming⁴ para cada uma das obras e então, organizado um documento com os itens: tema, histórico ou sinopse da proposta, enfoque ou encaminhamento, questões a serem levantadas e fontes. Foram desenvolvidas seis pautas, com obras correlatas em pautas únicas quando coerente.

A definição das quatro pautas a serem desenvolvidas no trabalho foram definidas a partir de alguns critérios de avaliação. O principal ponto de análise foi a linha em comum entre as obras, que foi, no caso, a presença de referências de música, comédias românticas, teatro musical e realismo mágico. Além disso, também passou por análise a demonstração de diferentes lados da loucura feminina, com as obras escolhidas, que representam: a bipolaridade, o Transtorno de Personalidade Borderline, a depressão e o transtorno psicótico breve. O último ponto relevante foi a disponibilidade de material visual para utilização na

⁴ Uma técnica de criatividade focada em gerar ideias.

edição dos vídeos, visto que obras como o musical de *Heathers* não possui gravações em qualidade, por se tratar de uma apresentação ao vivo.

Assim, as quatro pautas escolhidas foram: “*Take me as I am*” - uma poesia de bipolaridade e autodescoberta, sobre o episódio três da primeira temporada de *Modern Love*; “Plenamente feliz” - as obsessões de mulheres malucas, sobre a série *Crazy Ex-Girlfriend*; *Bimbos* e depressivas - *sad girl music* e faces da tristeza feminina, sobre músicas de Taylor Swift e Marina Diamandis; e a loucura encontrada na perda - quando a dissociação perfura a realidade, sobre as séries *WandaVision* e *Harley Quinn*. O conteúdo das pautas está presente nos apêndices de um a quatro.

3. Construção dos roteiros

Na etapa de construção dos roteiros, a principal dificuldade foi filtrar o conteúdo para a criação dos vídeos. No caso dos episódios sobre séries, o processo foi de baixar, via *torrent*, o conteúdo completo das três séries, e decupar o material para os pontos relevantes para o tema dos respectivos vídeos. Com essas versões mais curtas, assisti o conteúdo da referência principal, além das referências secundárias, e construí o roteiro da locução utilizada no vídeo. Depois disso, ocorreu o preenchimento da coluna técnica do roteiro.

No caso dos vídeos sobre um único episódio ou músicas selecionadas previamente, assisti o material por completo antes da produção do roteiro, e a decupagem ocorreu num segundo momento. O conteúdo dos roteiros está descrito nos apêndices de cinco a oito.

4. Produção dos materiais

Para a produção do material, iniciei o processo com a gravação da locução. O tratamento de áudio foi feito com a ferramenta gratuita “*Adobe Podcast*”. Segui o processo com o *download* de todos os materiais necessários: trechos de vídeos de ilustração, imagens, trilha sonora.

A edição de todos os materiais foi feita no aplicativo para computador *CapCut*, e dividida nas etapas: montagem da locução, montagem do vídeo, inserção de textos, inserção de efeitos e transições, inserção e ajuste de volume de trilha sonora e, por fim, inserção e edição de legenda.

Cada um dos vídeos teve um desafio no quesito da produção do material. Para o primeiro vídeo, referente à “*Modern Love*”, o desafio foi conseguir traduzir as trocas do

transtorno bipolar em imagens, sem conseguir utilizar grandes trechos do episódio. Já no vídeo referente à “*Crazy Ex-Girlfriend*”, o maior desafio foi a decupagem do material, visto que a série contém quatro temporadas, e o material editado tinha cerca de uma hora e quarenta minutos. No vídeo de “*Sad girl music*”, foi necessário encontrar uma solução para trazer imagens à tela, considerando que o objeto de análise eram músicas, e a maioria não possuía um videoclipe. No último vídeo, de “*WandaVision*” e “*Harley Quinn*”, o obstáculo foi traduzir os temas voltados a saúde mental para as imagens na tela e driblar os visuais típicos de séries de super-heróis.

Em alguns vídeos, o software de edição também representou uma dificuldade, com problemas de processamento de vídeos, que geraram a necessidade de refazer trechos mais de duas vezes.

Todos os vídeos tiveram um ponto de identidade em comum: a identidade visual do canal, representada pela logomarca, tipografia e *backgrounds*. Todos os itens também estavam na paleta de cores definida para o canal.

5. Planejamento do canal

Para planejar o visual e estratégia do canal, foram definidos: nome, descrição, identidade visual e estratégia de conteúdo. Todas as escolhas foram baseadas no público alvo: mulheres e pessoas interessadas em feminilidade, com cerca de 15 a 30 anos, com interesses em cultura pop e entretenimento, que utilizem a plataforma Youtube no seu dia-a-dia.

Para a nomeação do canal, foram consideradas referências do imaginário coletivo sobre loucura e feminilidade, com a escolha do nome “Doidas Varridas”, que aborda o sentido figurativo da palavra, tanto na interpretação de “perder o juízo”, quanto no termo “varrida” como a possibilidade de representação de uma vassoura de bruxa. Isso porque a perseguição a mulheres como bruxas é extremamente significativa.

Com as mesmas referências a serem consideradas, foi desenvolvida a logomarca do canal, no software de edição de vetores Adobe Illustrator. A logo aproveita a letra “s” ao fim das duas palavras do título como o formato da vassoura, e usa ícone do site *The Noun Project* e a fonte “ChippewaFalls”. O resultado está mostrado na figura abaixo. As variações da logomarca podem ser encontradas no apêndice nove.

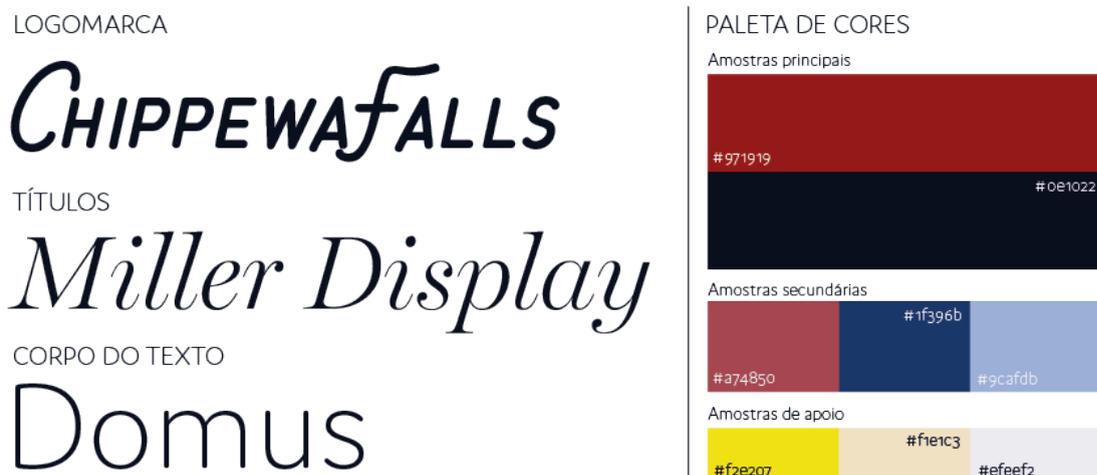
Figura 1 - Logomarca



Fonte: criação do autor.

Para a criação da paleta de cores, os conceitos considerados foram o contraste entre cores frias e quentes, e tons neutros e vibrantes. Isso porque trazem a referência visual da dualidade entre lucidez e loucura, além de facilitar a legibilidade na utilização da identidade gráfica. Foram três tipografias escolhidas para a identidade, a primeira a “ChippewaFalls” para a logomarca, a “Miller Display” para títulos, e a família de fontes “Domus” para o corpo do texto.

Figura 2 - Tipografia e paleta de cores



Fonte: criação do autor.

Com a identidade da marca criada, foram feitos os materiais de suporte para o canal na plataforma Youtube: a foto de perfil e banner do canal, e a descrição em texto. Na descrição,

focada no público alvo supracitada, consta: “Doida Varrida. No sentido figurado, aquela que perdeu o juízo. Na cultura pop, estamos cercadas por mídias que nos contam sobre as chamadas: "mulheres malucas". Seja em narrativas feitas por elas ou sobre elas. Nesse canal, somos 100% "fê nas malucas" das ideias, e analisamos séries, filmes, músicas e o que mais for protagonizado por esse olhar de feminilidade tresloucada. Queremos desmistificar e trazer lucidez à insanidade das Amy Dunnes, Love Quinns e Rebecca Bunchs do mundo. Um vídeo por vez.”

Figura 3 - Banner e foto de perfil



Fonte: edição do autor via Illustrator, com imagens encontradas no Google.

Como planejamento de conteúdo, a partir da tendência dos conteúdos do canal escolhido, a periodicidade de postagem definida foi semanal, e as obras descartadas em um primeiro momento para este trabalho poderiam ser pautas seguintes a serem desenvolvidas.

6. Postagem do material

Para a postagem, foi escolhida a ordem dos vídeos. O primeiro episódio foi o voltado a *Modern Love*, por ter um objeto de análise mais sucinto (apenas um episódio da série), e tratar de um tema amplamente conhecido, a bipolaridade. A ideia é que o público possa entender o universo do canal aos poucos. Já para o segundo vídeo, a linha de raciocínio do realismo mágico e teatro musical é seguida, com o conteúdo sobre *Crazy Ex-Girlfriend*, que trata sobre um transtorno menos conhecido, o Transtorno de Personalidade Borderline.

Os vídeos finais trazem mais diferenciação em relação aos primeiros, e tratam das questões psiquiátricas de forma menos literal. O terceiro, que fala sobre as obras de Taylor

Swift e Marina Diamandis, é ligado ao anterior por trazer a questão de felicidade e a obtenção de amor romântico como foco, com a conclusão final relacionada com melancolia e a perda.

Assim, ele se conecta ao vídeo final desses episódios iniciais, o episódio sobre *WandaVision* e *Harley Quinn*, que trata o luto e experiências traumáticas, bem como a relação com transtornos psiquiátricos, que é feita de forma subjetiva. Esse episódio também foi escolhido como o último por lidar diretamente com perda e o luto, e assim, representar o fim.

Os vídeos foram postados no perfil de link “https://www.youtube.com/channel/UCVcH-An_rMy8FbR_2JLTW4A” na categoria de entretenimento. Foram escolhidos título, descrição e tags de acordo com o conteúdo do vídeo e as tendências de pesquisa da rede social. Além disso, construí a imagem de miniatura personalizada para cada vídeo. Vale considerar que os episódios um, dois e três não poderiam ser monetizados por terem sido identificados materiais com proteção de copyright. Mesmo assim, os conteúdos podem ser postados e continuam disponíveis na plataforma. O resultado final por vídeo foi o descrito abaixo.

Figura 4 - Miniatura do vídeo 01



Fonte: montagem feita pelo autor, com imagens encontradas nos sites Refinery29 e Glamour.

O vídeo um foi intitulado: “Me aceite como sou | *Modern Love* 1x03 | EP01 | Doidas Varridas”. Já a descrição foi: “No vídeo, abordamos a história de Lexi, personagem da série *Modern Love*, episódio 03, temporada 01. Tratando um transtorno de bipolaridade ciclotímica, Lexi é a primeira representante das Doidas Varridas, e mostra como o tratamento é essencial

para uma vida plena”. E as tags escolhidas foram: *Modern Love*; Anne Hathaway; Bipolaridade; Mulheres malucas; Loucura; Séries.

Figura 5 - Miniatura do vídeo 02



Fonte: montagem feita pelo autor, com imagens encontradas nos sites Rolling Stones, Amazon e Medium.

Já o vídeo dois foi intitulado: “Verdadeiramente feliz | *Crazy Ex-Girlfriend* | EP02 | Doidas Varridas”. A descrição é: “A história de Rebecca Bunch é marcada pela busca incessante pela felicidade, mesmo que essa busca seja feita pelos meios errados. No episódio, abordamos sua trajetória de autoconhecimento e diagnóstico. Descobrimo então o Transtorno de Personalidade Borderline, a personagem lida com a culpa, euforia e todos os pormenores do tratamento”. E constam as seguintes tags: *Crazy Ex-Girlfriend*; Rachel Bloom; Rebecca Bunch; Borderline; Diagnóstico; Felicidade; Mulheres malucas; Séries.

Figura 6 - Miniatura do vídeo 03



Fonte: montagem feita pelo autor, com imagens encontradas nos sites Tracklist e New York Post.

No vídeo três, foi escolhido o título: “*Sad girl music* e as *bimbos* depressivas | Taylor Swift & Marina Diamandis | EP03 | Doidas Varridas”. O episódio tem a descrição: “Seguindo a tendência da *"sad girl music"* e a *"bimboification"*, Taylor Swift e Marina Diamandis representam dois lados da moeda quando se fala em tristeza. Tratando de uma depressão banalizada ou romantizada, ambas as artistas tornam o pesar e os sentimentos negativos femininos, em sua representação de força ou fragilidade”. As tags selecionadas foram: Taylor Swift; Marina Diamandis; *Teen Idle*; Depressão; Mulheres malucas; *Folklore*; *Evermore*; *Primadonna*; *Sad girl music*; *Bimbo*.

Figura 7 - Miniatura do vídeo 04



Fonte: montagem feita pelo autor, com imagens encontradas nos sites Fandom, Tecmundo e TechRadar.

O quarto e último episódio tem o título: “Perda e realidade | *WandaVision & Harley Quinn* | EP04 | Doidas Varridas”. A descrição desenvolvida foi: “*WandaVision* e *Harley Quinn* são exemplos do universo de super-heróis que mostram a relação entre os traumas da vida e a dissociação. Em suas respectivas proporções, elas utilizam de todo o poder que tem em mãos para moldar a realidade a sua mercê”. E, por fim, as tags definidas: Wanda Maximoff; *WandaVision*; Elizabeth Olsen; *Harley Quinn*; Marvel; MCU; DC; Mulheres loucas; Depressão; Luto; Dissociação; Perda; Trauma; Transtorno psicótico breve.

Vale considerar que a *tag* “Mulheres Malucas” é fixa do canal, e consta em todos os vídeos, além de uma *tag* variável com o transtorno ou condição psiquiátrica que é abordado em cada vídeo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma que a mídia representa os transtornos psiquiátricos em mulheres pode, muitas vezes, banalizar transtornos sérios, transformando-os em tendências e gírias, como o termo *crazy ex-girlfriend*, abordado nesse trabalho. Com a abundância de informações na mídia, é importante considerar o nível de popularidade destes conteúdos como um demonstrativo da relevância dele para a população.

Assim, faz parte do papel do jornalista considerar temas com relevância social e considerar como os meios de comunicação moldam o imaginário coletivo sobre esses tópicos. Para além dos arquétipos clássicos de Jung, a sociedade molda o pensamento com neologismos, e os abordados na obra foram, por exemplo: “*sad girl music*”; “*bimbo*”; “*crazy ex-girlfriend*”; “*femme fatale*”.

A criação de identidades quase comercializadas para a representação feminina não é uma excessão deste recorte nos conteúdos de entretenimento e, mais uma vez, são um espelho da visão da sociedade para o gênero. Isso causa danos de difícil reparo, visto que os meios de comunicação influenciam, por exemplo, o que é considerado comum entre as pessoas.

Ao refletir na utilização destes termos e modismos e colocar em prática os conhecimentos adquiridos na graduação e na vida profissional, é clara a influência da comunicação de massa para o imaginário coletivo sobre transtornos psiquiátricos. É importante perceber a existência de mais obras que abordam o tópico de forma a reforçar a importância de tratamento, e espero que esse trabalho possa contribuir nesse objetivo.

Vale reforçar que as obras de entretenimento são fundamentais para a conscientização da sociedade em diversos tópicos, visto que atingem públicos que normalmente não estariam interessados em aprender sobre assuntos sérios. Com isso, reitero a importância de utilizar objetos como séries e músicas para dissertar sobre assuntos de saúde mental.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5**. [s.l.] Artmed Editora, 2014.

BALLERINI, F. **Jornalismo Cultural No Século 21 Literatura, Artes Visuais, Teatro, Cinema, Música [a História, As Novas Plataformas, o Ensino e As Tendências Na Prática]**. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 2015.

COUTO, R. C. C. DE M. Eugenia, loucura e condição feminina. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 90, p. 52–61, 1994. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/892>. Acesso em: 22 mar. 2024.

DELAPLACE, A. J. **Entre espelhos partidos: significações da Femme Fatale em três filmes estrelados por Rita Hayworth na década de 40**. Dissertação de mestrado—Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP): [sn]. Guarulhos, 2015.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo (Sp): Perspectiva, 2009.

GADINI, S. L. Desafios de pesquisa em Jornalismo Cultural: estratégias metodológicas para compreender os processos editoriais no campo cultural. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 28–35, 2010. DOI: 10.15448/1980-3729.2010.1.6876. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6876>. Acesso em: 14 mar. 2024.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. [s.l.] Editora: São Paulo: Aleph, 2009.

JUNG, C. G.; MARIANA, D.; MARIA LUÍZA APPY. **Obras completas de C.G. Jung. 9/1, Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petropolis: Vozes, 2007.

KEHL, Renato. **A Cura da Fealdade. Eugenia e Medicina Social**. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & Co-Editores, 1923.

KRAMER; Heinrich; SPRENGER, Jacobus. **Malleus Maleficarum: O Martelo das Bruxas**. Tradução: Alex H. S. Brasil: Rosa dos Ventos, 2007.

LAVIK, E. **The Video Essay: The Future of Academic Film and Television Criticism?** Disponível em: <<https://framescinemajournal.com/article/the-video-essay-the-future/>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

MISTRY, J.; ANDREW, D. Pedagogies and practices of disaffection: Film programmes in arts schools in a time of revolution. **Journal of African Cinemas**, v. 9, n. 2, p. 119–132, 1 dez. 2017.

PELLEGRINI, Dayse Pereira; REIS, Diolinda Dias; MONÇÃO, Philipe Costa; OLIVEIRA, Rafael. **YouTube: uma nova fonte de discursos**. [S. l.; s. n.], 2010. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/bocc-pelegrinicibercultura.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

VILLELA, W. V. **Mulher e saúde mental: da importância do conceito gênero na abordagem da loucura feminina**. 1992. Dissertação de doutorado—Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1992. Acesso em 14 mar. 2024.

APÊNDICES

Apêndice 01

Pauta 01

Tema: “*Take me as I am*” - *Modern Love* e uma poesia de bipolaridade e autodescoberta

Histórico/Sinopse: Em seu 3º episódio, a antologia *Modern Love* apresenta Lexi (Anne Hathaway), uma mulher bipolar que passa pela dualidade do transtorno em segredo, um personagem inspirado em Terri Cheney, autora do livro “*Manic: A Memoir*”. A série da *Amazon Prime* destaca não apenas a disparidade entre os estados de mania e depressão a partir de recursos de realismo mágico, como também os malefícios de tratar a bipolaridade como algo a ser ignorado, ao invés de reconhecido e tratado. Dessa forma, a personagem torna-se uma presa de sua própria condição, e vive em função dela, em detrimento do seu estilo de vida.

Enfoque/Encaminhamento: Abordar a bipolaridade em mulheres e as particularidades dos estados de mania e depressão, e como o episódio retrata as consequências não só do transtorno, mas da falta de tratamento dele.

Questões a serem levantadas: o que é a bipolaridade? Como o episódio retrata os estados de mania e depressão? Como a personagem se relaciona com o mundo nos diferentes estados? Que referências visuais e sonoras nos mostram, como audiência, os estados da personagem? Como o episódio retrata a passagem entre os estados? Que recursos mostram as consequências de um transtorno não tratado? Que caminhos a personagem toma no tratamento do transtorno?

Fontes:

- [“Take me as I am, whoever I am”](#) | Episódio 3 da primeira temporada de *Modern Love* - Referência principal.
- [“Take me as I am, whoever I am”](#) | *Essay* original de Terri Cheney, que inspira o episódio da antologia - Referência secundária.
- [“Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - 5º edição”](#) | Documento amplamente utilizado pela comunidade médica como apoio diagnóstico de transtornos psiquiátricos - Referência de apoio.

Apêndice 02

Pauta 02

Tema: “Plenamente feliz” - as obsessões de mulheres malucas

Histórico/Sinopse: Em *Crazy Ex-Girlfriend*, a personagem Rebecca Bunch (Rachel Bloom) vive sua vida num teatro musical de sua própria criação, à medida que passa por uma crise de identidade em sua busca incessante por aprovação e principalmente, felicidade. A frase “Quando foi a última vez que você foi realmente feliz?” a segue, em um comercial de margarina, que marca pontos de virada de decisões impensadas da personagem, como largar um emprego de sucesso e se mudar para o outro lado do país pela perspectiva de um jantar com seu namorado do ensino médio. Ao subverter a *trope* da “ex namorada maluca”, Rachel Bloom debate traumas, felicidade, sanidade e amor sob a ótica mágica de um musical, e apresenta uma surpreendentemente realista visão do caminho para um diagnóstico psiquiátrico que, no caso da personagem, é de Borderline.

Enfoque/Encaminhamento: Tratar o processo de diagnóstico, mas principalmente como a série aborda os principais sintomas do transtorno de personalidade. Discutir como o formato da série traduz os sentimentos da personagem e seus estágios no tratamento, passando pelos temas recorrentes de felicidade e amor como objetivos principais da personagem.

Questões a serem levantadas: o que é Borderline? Quais os sintomas e como é o tratamento? Como o teatro musical é um recurso na obra? O que a felicidade e o amor representam na obra? Como os traumas anteriores da personagem se refletem nas ações contemporâneas dela? O que é verdadeiramente ser “maluca”? O que pode estar por trás de decisões que parecem ser motivadas apenas por validação masculina? Como terceiros se relacionam com a personagem e seu transtorno?

Fontes:

- [“Crazy Ex-Girlfriend”](#) | Referência principal
- [“Why Crazy Ex-Girlfriend Is A Masterpiece of Television”](#) | *Video essay* sobre a série - Referência de apoio
- [“Crazy Ex-Girlfriend: the character analysis you needed”](#) | *Video essay* sobre a série - Referência de apoio

- [“Crazy Ex-Girlfriend: Issues to Address”](#) | *Video essay* sobre a série - Referência de apoio
- [“We Are All Rebecca Bunch”](#) | *Video essay* sobre a série - Referência de apoio
- [“The Endgame is You”](#) | *Video essay* sobre a série - Referência de apoio
- [“Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - 5º edição”](#) | Documento amplamente utilizado pela comunidade médica como apoio diagnóstico de transtornos psiquiátricos - Referência de apoio.

Apêndice 03

Pauta 03

Tema: *Bimbos* depressivas: *sad girl music* e formas da tristeza feminina

Histórico/Sinopse: As músicas pop para garotas tristes tem diversas vertentes, Billie Eilish e Olivia Rodrigo são algumas referências da geração Z. Porém, duas artistas com essa abordagem com carreiras mais antigas são Taylor Swift, especificamente nos álbuns *Folklore* e *Evermore*, e Marina (antigamente Marina and the Diamonds), nos álbuns *Electra Heart* e *The Family Jewels*. As músicas escolhidas dos respectivos álbuns destacam diferentes abordagens: Taylor Swift trás uma visão escapista, melancólica e dotada de uma fragilidade característica, sem perder menções à raiva feminina. É uma visão passiva, reativa e insegura. Já Marina, apesar de mostrar um lado melancólico em uma das músicas, traz uma abordagem de ultrafeminilidade, com a estética “*bimbo*” que aparece fortemente, com uma visão mais ativa e irônica dos tópicos abordados.

Enfoque/Encaminhamento: Debater as músicas escolhidas das artistas supracitadas, tratar não só das obras em si mas o contraste entre as duas abordagens, apontar como duas visões de tristeza aliada à feminilidade.

Questões a serem levantadas: o que é feminilidade? Como a tristeza passiva e ativa se mostram? Como o saudosismo e o escapismo se relacionam com as obras? Quais são alguns caminhos de lidar com o desejo por aprovação ou a falta dela? Como as artistas mostram formas de lidar com frustrações? Como se estabelece o contraste entre fragilidade e a ultrafeminilidade? O que representa o retorno da estética *Bimbo*?

Fontes:

- Referência principal | Músicas escolhidas para análise:
 - Taylor Swift
 - [*Seven*](#)
 - [*Mirrorball*](#)
 - [*The Lakes*](#)
 - [*Tolerate It*](#)
 - [*Right where you left me*](#)
 - [*My tears ricochet*](#)

- [*Mad woman*](#)
- **Marina Diamandis**
 - [*Girls*](#)
 - [*Primadonna*](#)
 - [*Teen Idle*](#)
- [*“Bimboification”*](#) | *Video essay* sobre o tema - Referência secundária
- [*“Sad girl music”*](#) | *Video essay* sobre o tema - Referência secundária
- [*“the romanticization of sad girls”*](#) | *Video essay* sobre o tema - Referência secundária
- [*“The Feminism of Hyper Femininity - More Than a Style”*](#) | *Video essay* sobre o tema
- Referência secundária

Apêndice 04

Pauta 04

Tema: A loucura encontrada na perda: quando a dissociação perfura a realidade

Histórico/Sinopse: Wanda Maximoff (Elizabeth Olsen) é uma personagem do *Marvel Cinematic Universe (MCU)* conhecida por seus poderes de alterar a realidade e manipular energia, e por sua história trágica. Após ser responsável pela morte de Visão (seu interesse romântico) em *“Avengers: Infinity War”*, ela entra em um estado de surto para lidar com o luto. Em *WandaVision*, a personagem utiliza seus poderes para criar uma realidade alternativa em que ela vive em uma *Sitcom* clássica, com Visão ainda vivo, como forma de fuga à realidade, independente disso significar o sequestro de uma cidade inteira. Com o que pode ser interpretado como um surto psicótico transformado em realidade, a personagem representa a repressão de sentimentos e a dissociação como arma após uma vida cheia de eventos traumáticos, e a busca incessante por um estado de conforto que beira o impossível.

Enfoque/Encaminhamento: Retratar como a dissociação pode levar à extremos e perfura a realidade numa espécie de surto psicótico, como forma do cérebro lidar com uma série de eventos traumáticos. Mostrar, no exemplo da personagem, como uma possibilidade de vida perdida assombra alguém, e o que potencialmente alguém faria com o poder de moldar a realidade a seu querer.

Questões a serem levantadas: como é o luto para pessoas com históricos repletos de traumas? O que é um surto psicótico? O que é dissociação? Qual a diferença de valor entre o bem coletivo e o bem individual? Viver uma fantasia vale a pena quando a outra opção é uma vida “vazia”?

Fontes:

- ["WandaVision"](#) | Referência principal
- ["Harley Quinn"](#) | Referência principal
- ["Sitcoms"](#) | Referência de apoio
- ["History of the Sitcom"](#) | Referência de apoio
- ["Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - 5ª edição"](#) | Documento amplamente utilizado pela comunidade médica como apoio diagnóstico de transtornos psiquiátricos - Referência de apoio.

- ["Dissociação"](#) | Referência de apoio
- ["Life According to Scarlet Witch"](#) | *Video essay* sobre a referência principal

Apêndice 05

Coluna técnica	Locução
<i>“I was in a really good mood, which is kind of the problem.”</i>	
<i>“And there it is, the silence.”</i>	
<p><i>“Modern Love (prime video) S01E03</i></p> <p><i>Take me as I am, Whoever I am</i></p> <p>Classificação indicativa: 16 anos</p> <p>Direção: John Carney”</p>	No terceiro episódio da primeira temporada da antologia <i>Modern Love</i> , acompanhamos Lexi numa jornada de autoconhecimento marcada por um personagem principal: a bipolaridade.
Demonstração visual da coluna do <i>TNYT</i> , foto da Terri Cheney e do livro lançado por ela. Caso sobre tempo, ilustrar a bipolaridade ciclotímica.	A série, baseada na coluna homônima do <i>The New York Times</i> , adapta a história de Terri Cheney, que descreve quem é e suas mudanças nos estados de mania e depressão, de acordo com a bipolaridade de transtorno ciclotímico.
Mostrar em lettering a descrição do DSM-5 de forma resumida, com a fonte listada, depois ou de <i>BG</i> , os fundos mais emblemáticos dessa diferença no episódio.	A bipolaridade é um transtorno marcado pela presença constante de 2 estados de ser: a mania e a depressão. A direção de John Carney demonstra muito bem as diferenças no episódio.
<p>Tela em <i>BG</i> com o <i>lettering</i>: Mania</p> <p><i>“life is too interesting to sleep sometimes”</i></p>	

<p>Cenas demonstrativas da locução.</p>	<p>Com um mundo altamente maquiado para perfeição e cores vibrantes, o cenário parece estar tão vivo quanto Lexi, que aparece arrumada e glamurosa, mesmo ao estar no supermercado após passar 3 dias sem dormir.</p>
	<p>Por si só, esse já é um sintoma da mania, e além desse, nos mostram: a fala acelerada, num timbre diferente; impulsividade, e a série também nos mostra uma realidade mágica, num número musical.</p>
	<p>Inserida no mundo real, a personagem de Anne Hathaway se destaca do cenário, inclusive no seu trabalho, em que ela é descrita como uma excelente advogada, com a exceção das muitas faltas não justificadas.</p>
	<p>Essas situações são, muito claramente, um reflexo dos momentos depressivos, que a personagem decide mentir sobre para sua colega de trabalho.</p>
<p><i>BG com lettering na tela: “Depressão”.</i> <i>“I’ve got to clean the bipolar out of this place”</i></p>	
<p>Representação da mudança súbita.</p>	<p>Em casa após o trabalho, Lexi já não é mais a mesma, e a mudança é súbita, de sensação, expressão, tom de voz.</p>

<p>Cenas do date e, se der tempo, a pergunta citada na locução.</p>	<p>Qualquer pessoa argumentaria serem 2 pessoas diferentes, e no encontro que Lexi vai, ela recebe a pergunta: você por acaso não teria uma irmã gêmea?</p>
<p>Imagens do ambiente bagunçado e escuro.</p>	<p>O ambiente também mostra o estado da protagonista, as imagens agora são escuras, os cenários, bagunçados, e até a trilha sonora antes animada, perde sua energia.</p>
<p>Demonstrar as cenas.</p>	<p>Rapidamente, entendemos a falta de relações duradouras na vida de Lexi. A convivência com os dois estados, sem a compreensão do que realmente acontece com aquela pessoa deixa qualquer interação confusa, regada de mentiras e respostas vagas, e dificulta a conexão.</p>
<p>Cenas da remontagem da vida de Lexi desde o ensino médio.</p>	<p>Ainda assim, o medo do estigma do transtorno mantém a personagem refém de sua própria condição, na busca de compensar com surtos de produtividade os momentos depressivos, desde que a bipolaridade mostrou seus primeiros sinais.</p>
<p><i>BG com lettering na tela: “A troca”.</i> <i>“How are you feeling today Lexi? Up or Down”</i></p>	
<p>Cena do banheiro.</p>	<p>A vinda do momento depressivo é regada de culpa, vergonha e impotência, enquanto o estado de mania é repleto de uma</p>

	urgência para fazer e falar tudo que não seria possível quando ele for embora.
Imagens de Rita Hayworth, e Rita como Gilda. Se possível, adicionar o poster do filme.	Essa urgência a mantinha num estado de atuação perpétua, buscando uma personagem enigmática e sensual, representada no ícone de <i>Old Hollywood</i> , Rita Hayworth, famosa pela personagem de Gilda.
Lettering da frase com <i>BG</i> da atriz.	Lexi é forçada a confrontar a falha dessa perfeição performática ao lembrar da frase de Rita: “todos os homens que conheci iam pra cama com Gilda, e acordavam comigo”.
Cenas da demissão.	Como confirmação do fracasso de seus esforços para esconder sua condição, uma demissão força Lexi a entender que colocar a bipolaridade pra baixo do tapete não trará bons resultados.
Tela em <i>BG</i> com <i>lettering</i> “A mudança” “ <i>please come back, don’t come back</i> ”	
Cenas descritivas da locução.	Em confronto de seu medo da rejeição, Lexi conta a alguém, pela primeira vez, seu diagnóstico. Sylvia, do trabalho de onde Lexi acabou de ser demitida, a mostra compaixão e aceitação, o que causa um imenso alívio.

<p>Adicionar a cena da <i>“how does it feel, telling me?”</i> e a resposta de Lexi.</p>	
<p>Mostrar Lexi com os remédios e em ligação para pessoas do seu passado, acessando o site de relacionamento.</p>	<p>Ao finalmente buscar um escape da vergonha que tinha de sua condição, Lexi entra num caminho de tratamento marcado, finalmente, por comunicação. Com pessoas do seu passado, presente, e até futuro, contando sua história para potenciais encontros num site de relacionamento.</p>
<p>Imagens que ilustrem o cenário realista.</p>	<p>Além do que a personagem nos conta sobre seu tratamento, a cena é clara: sem um mundo perfeito, mas sem o caos. A mistura que marca a realidade se faz presente nas cenas finais do episódio.</p>
<p>Mostrar o trecho do texto com a fonte, buscar alguma imagem de <i>BG</i>.</p>	<p>E em um trecho diretamente do texto de Terri Cheney, ela afirma, sobre seu tratamento: “às vezes, sinto falta de ser Gilda, e sentir que eu sou dona do céu. Até que lembro o preço do céu. Então tiro minha maquiagem e vou para o supermercado, de moletom.”</p>
<p>Inserir cena <i>“You can’t show only one part of yourself(...) and it can’t last”</i></p>	

Apêndice 06

Coluna técnica	Locução
<p>Poster(s) da série com dados:</p> <p>”<i>Crazy Ex-Girlfriend</i>”</p> <p>2015-2019</p> <p><i>The CW</i></p> <p>4 temporadas</p> <p>Classificação 16</p>	<p><i>Crazy Ex-Girlfriend</i> é uma série da <i>The CW</i> com 4 temporadas, que conta, em formato de comédia romântica musical, uma história sobre amor, felicidade e transtornos de personalidade.</p>
<p>Cenas da Rebecca no início da série, no trabalho em <i>NY</i> e surtando.</p>	<p>É a história de Rebecca Bunch, que apesar de ser uma advogada bem sucedida em Nova York, vive uma vida miserável.</p>
<p>Cenas dela tomando remédios no beco e a propaganda.</p>	<p>Dopada de medicamentos e com uma vida no modo automático, é a visão de um comercial que a pergunta “qual foi a última vez que você foi realmente feliz?” que a leva para um surto, tentando convencer a si mesma que sua vida é feliz.</p>
<p>Animação da mudança de <i>NYC</i> para <i>West Covina</i></p> <p>Imagem do Josh</p>	<p>Com a memória de tempos melhores, ela toma uma decisão impulsiva: se mudar para o outro lado do país para tentar reatar um namoro com um homem com quem ela não tem contato há anos, Josh Chan.</p>

<p>Unir algumas imagens que representem impulsividade. Mostrar trechos dela com seu pai e mãe, além do Robert, se possível.</p>	<p>As escolhas impulsivas são uma marca da personagem, que cria mentiras mirabolantes para esconder de todos os reais motivos de suas ações: um desejo crônico por afeição e uma felicidade idealizada, marcados pelos traumas de sua vida pessoal, com seu histórico familiar e romântico no protagonismo.</p>
<p>Trecho com <i>“I’m a Good Person”</i></p>	
<p>Cenas da música <i>“I’m a Good Person”</i></p>	<p>Essa busca a leva por caminhos inconsequentes, nos quais prejudica pessoas ao seu redor e racionaliza qualquer decisão para pensar que é uma “boa pessoa”.</p>
<p>Cena musical exagerada, se possível mais de uma cena.</p>	<p>Com falhas basais de autoconhecimento e autoestima, Rebecca tem tendências dissociativas, que transformam a série em um musical, com músicas que relatam o que o elenco vive. Além disso, representam o fascínio dela pelo gênero de teatro musical.</p>
<p>Cena de <i>“Tell me I’m okay Patrick”</i> e <i>“You Stupid Bitch”</i>.</p>	<p>Para além da dissociação para esquecer dos problemas, as músicas também demonstram as suas crises existenciais.</p>
<p>Trecho de <i>“You Stupid Bitch”</i></p>	

<p>Trecho com a terapeuta - Se possível, a cena inicial de <i>“This Session is Gonna be Different”</i>.</p>	
<p>Cenas de Rebecca com Dr. Akopian e a frustração da médica e a falta de interesse de Rebecca.</p>	<p>Rebecca também é um exemplo de como a terapia por si só, não consegue fazer melhorias sem a colaboração do paciente. Intermináveis sessões são marcadas pela personagem que ignora seus problemas, culpabiliza outros por qualquer situação, e implora por soluções rápidas e fáceis.</p>
<p>Cena representativa de stalking, do trecho <i>“So you kidnap my mother?”</i></p>	
<p>Cenas do casamento.</p>	<p>Após meses de espionagem, mentiras, traições e esquemas manipuladores, Rebecca consegue o que acha que sempre quis: seu casamento com o alvo de sua obsessão. Mas isso não representa sucesso e na verdade ela confronta: um pai que se aproveita dela, uma tristeza que não dá trégua e, acima de tudo, um noivo que a abandona no altar.</p>
<p>Cenas da temporada 3 da personagem vingativa e momento da tentativa de suicídio no avião.</p>	<p>Essa experiência leva a personagem de Rachel Bloom a um estado obcecado por uma vingança inconsequente, que no fim das contas, falha. O fracasso a leva a confrontar seus problemas da forma que conhece: uma tentativa de suicídio.</p>

<p>Diagnóstico com o psiquiatra, Dr. Shin. Mostrar a cena do banheiro com a personagem pesquisando sobre Borderline.</p> <p>”Transtorno de Personalidade Borderline” de <i>lettering</i> na tela.</p>	<p>No hospital, o processo de terapia de Rebecca tem um avanço: um diagnóstico. Diferente do que ela já ouviu em sua vida, e focado em terapia, não medicações invasivas. E a resposta é clara, porém assustadora: o Transtorno de Personalidade Borderline.</p>
<p>Explicação do transtorno - Mostrar as cenas que a série usa de exemplo com a lista de sintomas da Dra. Akopian.</p> <p><i>Lettering</i> da frase na tela.</p>	<p>A característica essencial do Transtorno da Personalidade Borderline é um padrão difuso de instabilidade das relações interpessoais, da autoimagem, de afetos e de impulsividade acentuada que está presente em vários contextos, e alguns deles são:</p>
<p>Sintomas descritos pela terapeuta.</p>	
<p>Cena da personagem estudando sobre Borderline.</p>	<p>O conhecimento de seu diagnóstico leva a protagonista a vê-lo como a solução de todos os seus problemas, e entrar obsessivamente no mundo da terapia e estudo sobre saúde mental.</p>
<p>Cenas representativas do amor romântico para a personagem.</p>	<p>Entre investidas e recaídas, algo se torna claro: o caminho para o tratamento não é linear, e requer um longo processo de compreender gatilhos. O amor romântico se mostra o maior deles, o que causa em Rebecca um pavor de tentar viver esse lado da vida e ter consequências fatais.</p>

<p>Cenas do comercial de manteiga.</p>	<p>O questionamento “Qual foi a última vez que você foi realmente feliz?” toma outro tom, e guia um caminho de autodescoberta, marcado por aceitar a impossibilidade de controle.</p>
<p>“<i>Josh Is Irrelevant</i>” - Se possível inserir o trecho da cena.</p>	<p>Além disso, também realizar que a questão nunca foi sobre o amor romântico, por quem quer que seja, e focar nele a manteria eternamente infeliz.</p>
<p>Cenas do final da série, com a personagem definindo seu futuro, com foco em si.</p>	<p>Com os remédios corretos e uma nova visão para a vida, a protagonista encontra uma nova motivação, que não seja a aprovação de terceiros, e sim o que realmente a direciona para o amor próprio, no seu caso, focar em si mesma e no teatro musical.</p>
<p>Cenas de “<i>11 o'clock</i>”.</p>	<p>Assim, ela abraça seus momentos de dissociação com músicas e transforma um momento de ignorar problemas em um mecanismo de lidar com eles.</p>

Apêndice 07

Coluna técnica	Locução
“ <i>Sad girls</i> ” no <i>lettering</i> . Representar imagens das <i>sad girls</i> do tumblr.	As <i>Sad girls</i> . Desde a ascensão da rede social Tumblr nos anos 2010, a tristeza feminina é romantizada e tratada como uma escolha estética.
Representar imagens das <i>sad girls</i> do Tumblr.	A beleza na tristeza de mulheres, principalmente brancas, é uma tendência que encoraja a constância de um estado miserável em prol de um estilo de vida.
Imagens de filmes: Brilho eterno de uma mente sem lembranças. Imagem de série: Effie de <i>Skins</i> . Música: imagens de Lana del Rey e Lorde.	Nos filmes, séries ou na música, diversas artistas se tornaram ícones dessa estética.
Imagens de Marina e Taylor que destaquem a questão de serem 2 faces da tristeza feminina.	Existem várias formas de manifestar essa tristeza interna, e Taylor Swift e Marina Diamandis representam bem 2 faces diferentes da chamada “ <i>sad girl music</i> ”.
Capas dos álbuns da Taylor. <i>Folklore</i> (2020) e <i>Evermore</i> (2020).	Nos álbuns <i>Folklore</i> e <i>Evermore</i> , Taylor Swift aborda o lado melancólico, bucólico e pacato da tristeza feminina.
Imagens de cenários de campo, casebres, etc.	Com uma estética intimista que remonta casas de campo no interior e uma era da história que, para a maioria do mundo, já passou, a cantora aborda crescer, identidade e a raiva.

<p><i>Seven</i> - <i>Lettering</i> do título e letra da música.</p>	<p>Em “<i>seven</i>”, a música aborda a dor de crescer e precisar podar os próprios sentimentos para conviver em sociedade, em trechos como “Por favor, me imagine em meio às ervas daninhas / Antes de eu ter aprendido civilidade / Eu costumava gritar ferozmente / Sempre que eu queria”</p>
<p>Imagens representativas de ser adulto, ilustrar com a série <i>Fleabag</i>.</p>	<p>A música aborda a pressão da vida adulta e a quebra da ilusão de que tudo estaria resolvido.</p>
<p><i>Right where you left me</i> - <i>lettering</i> do título.</p>	<p>Para além de não estar resolvido, o eu-lírico da cantora demonstra uma depressão paralisante, que a torna incapaz de superar os problemas da vida, em <i>Right Where You Left Me</i>.</p>
<p><i>Lettering</i> da letra da música.</p>	<p>“Você ouviu falar da garota que ficou congelada? O tempo passou para todos os outros, ela não saberia disso / Ela ainda tem 23, na sua fantasia / De como tudo deveria ter sido”, ela afirma, após repetir, afundada em sofrimento “Você me deixou. Você me deixou sem escolha a não ser ficar aqui pra sempre”.</p>
<p><i>The Lakes</i> - <i>Lettering</i> do título e letra. Imagens de espaço bucólico.</p>	<p>Em <i>The Lakes</i>, a cantora atinge o ápice do escapismo, fala sobre um suposto refúgio, um local para rejeição do mundo atual. Em fuga, a música afirma “Me leve aos lagos onde os poetas iam para morrer / Eu</p>

	não pertença aqui / E, meu amado, você também não”
Representação de depressão paralisante, utilizar cenas de <i>Euphoria</i> . <i>Lettering</i> do texto.	Nos é contado não apenas um desejo de fuga, mas uma vontade de sofrer e de permanecer naquele estado paralisante depressivo, em trechos como “Eu quero auroras e prosa triste / Eu quero ver as glicínias crescendo / Por todo o meu pé descalço / Porque eu não me movo há anos”
Imagens da estética <i>sad girls</i> e <i>bimbo</i> . <i>Lettering</i> “ <i>bimbo</i> ”.	Essa tristeza passiva é a mais comum na narrativa das “ <i>sad girls</i> ”, mas não é a única. Em momentos, ela é unida com a estética “ <i>bimbo</i> ”, que aborda a ultrafeminilidade.
Ilustrar a definição de dicionário. Logo do <i>Urban Dictionary</i> .	O dicionário urbano descreve uma “ <i>bimbo</i> ” como uma mulher bonita, porém burra. E é, acima de tudo, tratada como objeto sexual, sem oposições.
Imagens de bimbos e capas dos álbuns de Marina. <i>Electra Heart</i> (2012) e <i>The Family Jewels</i> (2010).	Com roupas rosa curtas e se recusando a buscar objetivos vistos como intelectuais, a bimbo não está imune à tristeza feminina, e Marina Diamandis retrata esse sentimento em músicas de seus álbuns <i>Electra Heart</i> e <i>The Family Jewels</i> .

<p>Girls - lettering do título e letra. Imagens de mulheres se arrumando. Utilizar Euphoria e The Marvelous Ms Maisel.</p>	<p>Em Girls, entendemos, por ritmo e letra, como a frustração com os padrões de feminilidade podem ser mostradas para além da tristeza tradicional. “Garotas não deveriam jogar sujo, ou parecer um dia mais velhas que os 30 anos” representam as pressões da sociedade para mulheres, assim como as obras de Taylor, com uma abordagem totalmente diferente.</p>
<p><i>Primadonna</i> - imagens do clipe, <i>lettering</i> do título e letra.</p>	<p>Já em <i>Primadonna</i>, é a nossa vez de conhecer não as pressões, mas as vontades de uma bimbo. Ela afirma, categoricamente “Garota primadonna / Só o que eu sempre quis foi o mundo / Não é minha culpa se eu preciso de tudo”</p>
<p><i>Lettering</i> da letra, imagens do clipe.</p>	<p>O querer tudo não é suficiente para trazer um propósito ou alegria para a vida do eu-lírico de Marina, que permanece, é claro, uma <i>sad girl</i> que quer mais e mais, e canta “E estou triste no meu âmago / Todo dia é uma tarefa / Quando você me dá algo, eu quero mais”</p>
<p><i>Teen Idle</i> - <i>lettering</i> do título. “Tristeza” “Saudosismos” “Beleza”</p>	<p>Já em <i>Teen Idle</i>, o saudosismo da adolescência é visto de forma de sentir falta da liberdade de cometer erros e não se importar com o amanhã. Nessa música, os universos apresentados por Marina e Taylor se fundem. A tristeza, o saudosismo, e a busca incessante por</p>

	<p>beleza, o que representa que são dois lados de uma mesma moeda.</p>
<p>Alternar cenas de <i>Fleabag</i> e <i>Euphoria</i>.</p>	<p>Sentindo-se suicida, com anos e anos de vida jogados no lixo, a cantora clama pelo sofrimento como escape. Pede por drinks, a liberdade de cometer erros sangrentos e um pedaço de bolo, e afirma: vou vomitá-lo de toda forma.</p>
	<p>A música é o epítome da “<i>sad girl culture</i>”, e já representava isso na era de ouro do Tumblr. No fim da música, ela diz:</p>
<p><i>Lettering da letra.</i></p>	<p><i>“I wish I wasn’t such a narcissist / I wish I didn’t really kiss / The mirror when I ‘m on my own / Oh God, I’m gonna die alone / Adolescence didn’t make sense / A little loss of innocence / The ugly years of being a fool / Ain’t youth meant to be beautiful?”</i></p>

Apêndice 08

Técnica	Texto (Até 5 minutos)
<p>“<i>WandaVision</i>” (2021)</p> <p>Marvel</p> <p><i>Disney Plus</i></p> <p>1 temporada</p> <p>12 anos</p>	<p>A série <i>Wandavision</i>, do <i>Marvel Cinematic Universe</i>, subverte o padrão do gênero dos “filmes de super herói” ao representar, em sua narrativa fantasiosa, o processo de luto da personagem Wanda Maximoff.</p>
<p>Cenas dos dois juntos, mais representativas do esquema de <i>sitcom</i>.</p>	<p>O enredo inicial da série com 1 temporada é que Wanda e Visão estão aparentemente presos numa versão real de uma série de comédia retrô.</p>
<p>Cenas representativas das <i>sitcoms</i>.</p>	<p>A primeira, e mais gritante, diferença da série para as outras obras da Marvel é a própria inserção do gênero de <i>Sitcoms</i> na narrativa, com as cenas no protagonismo, principalmente nos episódios iniciais da temporada.</p>
<p>“<i>Sitcom</i>”</p> <p>”Comédia de situação”</p>	<p>Para quem não sabe, o termo <i>Sitcom</i> se refere a uma comédia de situação. O gênero é formado por séries leves de episódios curtos, que usam, como artifício para o humor, situações comuns.</p>
<p>Fotos das séries citadas.</p>	<p>Alguns grandes exemplos que marcaram décadas são <i>I Love Lucy</i>, <i>Full House</i>, <i>Friends</i> e <i>Modern Family</i>.</p>

<p>Mostrar trechos curtos de cada década retratada em <i>WandaVision</i>.</p>	<p>Em <i>WandaVision</i>, algumas dessas e outras obras são referenciadas, visto que os episódios passam por décadas da história das <i>Sitcoms</i>.</p>
<p>Cena da Wanda expulsando a Monica de <i>Westview</i>.</p> <p>Cena da Wanda criança na TV com <i>sitcoms</i>, e se possível, adulta também.</p>	<p>Com o desenrolar da história, descobrimos que Wanda é a grande responsável por criar essa ilusão da realidade, e colocou a si mesma e a uma cidade inteira num domo de magia. Com isso, também entendemos que as comédias de situação representavam um ponto de conforto em meio ao caos para a personagem, desde a sua infância.</p>
<p>Mostrar a Wanda trajada de feiticeira escarlate. Se necessário, inserir fotos.</p>	<p>A “Feiticeira Escarlate” é um dos personagens do <i>MCU</i> com a história pessoal mais marcada por perdas.</p>
<p>Trechos que mostrem esses períodos da história de Wanda, de forma rápida.</p>	<p>A morte dos pais em um bombardeio, o período explorada como rato de laboratório de terroristas com objetos perigosos, a sua transformação em uma máquina de guerra, a perda do seu irmão, a morte de seu companheiro.</p>
<p>Finalizar os trechos mostrados anteriormente. Se sobrar tempo, ela em sofrimento.</p>	<p>A lista é longa, e os traumas de Wanda definitivamente refletem isso.</p>
<p>Trecho com “<i>What is grief if not love persevering?</i>”</p>	

<p>Luto do <i>Vision</i>. Corpo dele morto. Cenas deles como casal.</p>	<p>Antes, ela se contentava com maratonar suas séries de conforto e se apoiar nas pessoas que amava. Porém, com a perda do parceiro denominado Visão, a última dessas pessoas, a personagem de Elizabeth Olsen entra num estado dissociativo digno de um surto psicótico, e usa seus poderes para manipular a realidade e trazer Visão de volta à vida.</p>
<p>Utilizar alguma cena de BG e colocar como lettering: “Aparecimento repentino, e temporário, de ao menos um dos seguintes sintomas: delírios, alucinações, discurso desorganizado, comportamento psicomotor anormal, catatonia. Ocorrendo ou não como resposta a eventos que seriam notadamente estressantes.”</p>	<p>O DSM-V descreve um Transtorno Psicótico Breve como o aparecimento repentino, e temporário, de ao menos um dos seguintes sintomas: delírios, alucinações, discurso desorganizado, comportamento psicomotor anormal, catatonia. O episódio pode ou não ocorrer como resposta a eventos que seriam notadamente estressantes.</p>
<p>Cenas finais da população em sofrimento.</p>	<p>Eventos estressantes são extremamente comuns na história da protagonista de <i>Wandavision</i>, e o processo de surto repentino a leva a escravizar a mente de centenas de pessoas, se isso significar a possibilidade de uma vida aparentemente mais feliz.</p>
<p>Cenas da equipe militarizada.</p>	<p>Fora da realidade criada por sua tristeza insana, a série destaca o contraste entre as cores e ambientes perfeitos das Sitcoms e o ambiente escuro e estéril da</p>

	organização militarizada responsável pelo “fenômeno <i>Westview</i> ”.
Cena em close de Harley.	Outra personagem do gênero dos super-heróis que representa a loucura encontrada na perda é Harley Quinn, do universo cinematográfico da DC Comics.
<p>“Harley Quinn (2019-)”</p> <p><i>Max</i></p> <p><i>DC Comics</i></p> <p>4 temporadas</p> <p>Classificação 18 anos</p>	Na série da <i>HBO Max</i> que leva o nome da personagem, a Doutora Harleen Quinzel, conhecida popularmente como a namorada do Coringa, revela mais sobre sua história de vida, e retira o homem do protagonismo.
Cena da Harley no ácido.	Com uma infância traumática e tendências violentas, a manipulação e o desejo por amor a levam a se jogar em um tanque de ácido, e transformar-se na icônica vilã das histórias do Batman.
Cenas dela como vilã e/ou interagindo com o <i>Joker</i> .	Porém, Harley passa a lembrar da situação como se o Coringa fosse o único responsável pelo momento, retira de si a responsabilidade e vive desconectada com a realidade, com o foco apenas em causar o caos onde quer que passe.
Harley ao compreender sua responsabilidade nas próprias ações.	Para as duas anti-heroínas, o processo de cura é tortuoso. Harley volta a ver-se como o centro de sua história, e compreende que é capaz de tomar as

	decisões importantes para definir quem é, sem ser uma assassina criminosa.
Wanda ao libertar a cidade e se despedir dos filhos e de <i>Vision</i> . Wanda vai embora de <i>Westview</i> .	Já Wanda, encara as consequências de suas ações, e liberta a cidade de <i>Westview</i> do doloroso feitiço, e desiste, assim, de sua vida pitoresca com marido e filhos. E precisa, enfim, encarar que essa realidade jamais será possível para ela, não dessa forma.
Cenas das duas em seus processos.	Seja com um processo de autodescoberta ou o luto de inúmeras perdas, a volta à realidade requer atenção constante, apoio de terceiros e introspecção. As temporadas seguintes de Harley Quinn e o filme “Doutor Estranho no Multiverso da Loucura” mostram os erros e acertos das protagonistas nesse processo.
<i>Lettering</i> da pergunta na tela.	Uma coisa é clara, ambas as obras levantam o questionamento: sentindo dor o suficiente, até onde você iria se soubesse que tinha o poder pra moldar a sua realidade?

LOGOMARCAS, ÍCONE E VARIAÇÕES

